

Coleção Educação Física

Priscila Gomes Dornelles

Ileana Wenez

Maria Simone Vione Schwengber

(Organizadoras)

EDUCAÇÃO FÍSICA

*e*  
Sexualidade

DESAFIOS EDUCACIONAIS *1*



Editora UNIJUI

Ijuí  
2017

© 2017, Editora Unijui  
Rua do Comércio, 1364  
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil  
Fones: (0\_\_55) 3332-0217  
E-mail: editora@unijui.edu.br  
Http://www.editoraunijui.com.br

*Editor:* Fernando Jaime González

*Capa:* Alexandre Sadi Dallepiane

*Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:*

Editora Unijui da Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:  
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijui

E24 Educação física e sexualidade : desafios educacionais, 1 /  
organização Priscila Gomes Dornelles; Ileana Wenez; Maria  
Simone Vione Schwengber. – Ijuí : Ed. Unijui, 2017. – 160  
p. – (Coleção educação física).

ISBN : 978-85-419-0237-3

1. Educação Física – Questões de gênero e sexualidade. 2.  
Educação física – Educação sexual. 3. Educação física escolar  
– Questões de gênero e sexualidade. 4. Educação física escolar –  
Pedagogias do gênero e da sexualidade. I. Dornelles, Priscila Gomes  
(Org.). II. Wenez, Ileana (Org.). III. Schwengber, Maria Simone  
Vione. IV. Título: Desafios educacionais, 1. V. Série.

CDU : 796:37

613.88: 796

37: 613.88

Editora Unijui afiliada:



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# SUMÁRIO

## PREFÁCIO

Aulas de Educação Física e questões de sexualidade: ousada conexão .....	9
<i>Fernando Seffner</i>	

## APRESENTAÇÃO

A(s) sexualidade(s) em pauta.....	17
<i>Priscila Gomes Dornelles, Ileana Wenez,</i> <i>Maria Simone Vione Schwengber</i>	

CAPÍTULO 1 – CAMINHOS TEÓRICOS E POLÍTICOS DO TRATO COM A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: uma análise inicial das produções na área (2001-2015).....	23
<i>Priscila Gomes Dornelles, Ileana Wenez,</i> <i>Maria Simone Vione Schwengber</i>	

CAPÍTULO 2 – ESPORTE E TRANSGENERIDADE: corpos, gêneros e sexualidades plurais .....	51
<i>Luíza Aguiar dos Anjos, Silvana Vilodre Goellner</i>	

CAPÍTULO 3 – “CORPOS QUE ESCAPAM”: performatividades de gêneros, sexualidades e a abjeção no levantamento de peso.....	73
<i>João Paulo Fernandes Soares, Ludmila Mourão</i>	

CAPÍTULO 4 – “AFEMINADA! AFEMINADA!” – <i>Queerizando</i> as masculinidades no contexto do voleibol.....	95
<i>Leandro Teofilo de Brito</i>	

# “AFEMINADA! AFEMINADA!”

## — *Queerizando* as masculinidades no contexto do voleibol

Leandro Teófilo de Brito

### ENTRANDO EM QUADRA...

Durante a premiação final do campeonato, os jovens atletas ecoavam um grito debochado e irônico, com palmas, para cada um que recebia seu troféu de destaque por fundamento: “Afeminada! Afeminada! Afeminada! Pra jogar vôlei tem que ser afeminada...” (Diário de campo em 13 de dezembro de 2015).

O fragmento anterior diz respeito à observação participante que buscou descrever relatos de um campeonato de voleibol masculino, que ocorre anualmente na cidade do Rio de Janeiro, no qual problematizo a performatização de masculinidades não normativas entre jovens atletas da categoria sub-21. Os jovens atletas, sujeitos da pesquisa e participantes de equipes que chegaram à etapa final do campeonato, identificavam-se como *gays* e bissexuais, deslocando os sentidos mais estáveis do masculino no esporte ao performatizarem masculinidades que designo neste capítulo como *queer*.

Buscando desconstruir e ressignificar o caráter essencialista das identificações de gênero e sexualidade, a teoria *queer* problematiza a heterossexualidade como norma, como um modelo compulsório a ser seguido e incorporado pelos sujeitos, assim como questiona o binarismo presente nas identificações de gênero. Destacam-se, neste contexto,<sup>1</sup> aquelas e aqueles que, além de não se conformarem com um modelo heterocentrado para viver seus desejos, desestabilizam o sistema dicotômico e fixo de identidade e performance de gênero que se restringe ao masculino/feminino.

Nas concepções de Spargo (2006), *queer* é um termo que se define, independentemente de funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, contra o normal ou normatizador, um quadro que não pode ser considerado singular, conceitual ou sistemático, mas sim reconhecido por meio de compromissos intelectuais relacionados a questões sobre gênero, sexo e sexualidade, uma escola de pensamento com visão bastante heterodoxa. Para a autora, *queer* descreve um leque diverso de práticas relacionadas a críticas ao sistema sexo-gênero, a sexualidades não normativas, pessoas transgêneros, desejos transgressivos, sadomasoquismo, entre outros, expressos por meio de textos literários, livros, filmes, músicas, imagens, etc. Salih (2012) afirma que os estudos *queer* surgiram de uma aliança entre teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, aliança esta, por vezes, incômoda, que buscava investigar (e desconstruir) a categoria sujeito, pouco se importando com termos como definição, fixidez e estabilidade, para discutir os processos de identificação e significação do gênero e da sexualidade.

O uso da palavra desconstrução, neste trabalho, refere-se à teorização proposta pelo filósofo Jacques Derrida, bastante apropriada por autoras feministas pós-estruturalistas e que coaduna com os preceitos da teoria *queer*. Mostra-se como mais um caminho para inverter e deslocar a

---

<sup>1</sup> Tomo como base neste texto a noção de contexto em Derrida (1991), afirmada pela sua abertura, instabilidade e precariedade, não permitindo estabilizações de sentidos.

construção hierárquica que se naturalizou na diferença sexual, colocando em discussão os binarismos dos termos homem/mulher, masculino/feminino e heterossexual/homossexual.

Nas palavras de Derrida (1991):

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um gesto duplo, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma reviravolta da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. É só nesta condição que a desconstrução terá os meios de intervir no campo das oposições que critica e que é também um campo de forças não-discursivas (p. 372).

Jacques Derrida busca promover com o movimento da desconstrução o que chama de “duplo gesto”, que se dá por meio de dois momentos constituintes da atividade desconstrutiva, a inversão e o deslocamento, citados no excerto anterior. No primeiro momento, a inversão vai buscar colocar em destaque o que foi reprimido, marginalizado, para no movimento de deslocamento, ir além das dicotomias, das hierarquizações, dos binarismos, rompendo com qualquer nova hierarquização. A noção proposta pelo filósofo é potente dentro de uma crítica pós-estruturalista à heteronormatividade, pois assume que os sentidos atribuídos ao gênero e à sexualidade são variados e diversos, sem qualquer fundamento essencialista, como a própria teoria *queer* propõe.

Rodrigues (2009) explicita o pensamento de Derrida sobre a desconstrução dos binarismos em torno das questões de gênero e sexualidade:

Quando Derrida fala em incalculáveis sexos, ele não estaria propondo um indeterminismo em relação a homens e mulheres ou qualquer tipo de relativismo em relação ao gênero, mas estaria apontando como ir além da oposição masculino/feminino, entendida como mais uma das oposições metafísicas sobre as quais se formulam discursos de exclusão (p. 86).

Trago também na construção deste quadro teórico a noção de performatividade *queer*, discutida por Judith Butler e Eve Sedgwick. Tomando como base a teoria dos atos de fala, de John Austin, Butler (2015a) nomeia de gênero performativo a repetição estilizada de atos, gestos, atuações e encenações que, por meio de processos linguístico-discursivos, constitui e regula tanto o gênero quanto o sexo e a sexualidade a partir de padrões tidos como normativos. A performatividade, entretanto, também permite deslocamentos de sentidos, pois, como afirma Butler (2015b), os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais são reconhecidos. A filósofa estadunidense apropria-se de dois quase conceitos<sup>2</sup> desenvolvidos por Derrida a iterabilidade e a citacionalidade, para afirmar que a repetição e citação das normas são contingentes e não se processam de maneira determinística sempre, o que permite à noção de performatividade possibilidades de rupturas e desestabilizações. Um enunciado performativo gera efeitos de forma provisória e contingente, mas não porque a intenção governa a ação da linguagem com êxito e sim porque a ação se faz com ações antecedentes, pela repetição e citação de um conjunto de práticas anteriores (Butler, 2009).

Neste contexto, Sedgwick (1993) fará uma releitura da performatividade pelas significações do termo *queer*, que, num primeiro momento, constituía um xingamento e uma forma bastante pejorativa de se referir a homossexuais, tal como “bicha”, por exemplo. A força performativa do *queer*, segundo a autora, permite que pessoas LGBTQ<sup>3</sup> ressignifiquem o termo, de um xingamento para uma posição política e epistemoló-

---

<sup>2</sup> A noção de quase conceito e/ou indecidível para Derrida (2001), busca responder à impossibilidade do pensamento se organizar a partir de conceitos fixos, homogêneos e universais, desconstruindo assim parte da lógica do pensamento metafísico – pensamento binário, polarizado e hierarquizado.

<sup>3</sup> Sigla que denomina lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (travestis e transexuais) e *queers*.

gica que abarque a afirmação de suas identidades, até então tidas como abjetas.<sup>4</sup> A performatividade *queer*, a partir destas proposições, se faz importante nas análises deste capítulo.

Aproprio-me também da perspectiva *queer* como metodologia de pesquisa em interlocução com a etnografia. A escolha do *queer* como metodologia não visa apenas a um olhar de desconstrução para as identificações de gênero e sexualidade dos sujeitos no campo empírico, mas também como uma opção alternativa de metodologia que permita o diálogo com perspectivas pós-estruturalistas para a pesquisa no campo das Ciências Humanas. Browne e Nash (2010) afirmam que a pesquisa *queer* busca, além de desconstruir e desestabilizar a pesquisa convencional, ressignificando métodos e técnicas, reconhecer deslocamentos identitários, pois, neste contexto, a pesquisa *queer* se debruçará em contextos anti-identitários.

A utilização de preceitos etnográficos em conjunto com a perspectiva *queer*, tomando como base Rooke (2010), possibilita-me um olhar etnográfico desconstruído, que incide para as dimensões emocionais, intersubjetivas e eróticas na pesquisa de campo, possibilitando limites fluidos e flexíveis ao reconhecer as subjetividades nos processos de identificação dos sujeitos. O autor também afirma que a abordagem etnográfica para o gênero e a sexualidade reconhece não só seu caráter discursivo, mas efeitos que geram consequências nas realidades e práticas cotidianas. Utilizo observações participantes e entrevistas informais, em etapas de um campeonato de voleibol masculino sub-21, para operacionalizar uma etnografia *queer*.

---

<sup>4</sup> O termo abjeto, de Julia Kristeva (1988), aponta para aquilo que foi expelido do corpo, como um excremento ou um elemento estranho, algo que é considerado, de fato, o "outro". A autora afirma o caráter de exclusão e repulsa do abjeto e, neste contexto, identificações de gênero e sexualidade não normativas, facilmente estão relacionadas ao abjeto, porém ressignificadas pela performatividade *queer*, conforme discutido aqui neste texto.

Deste modo, o *queer* como opção teórico-metodológica neste capítulo anuncia o reconhecimento de infinitas masculinidades performatizadas no contexto do voleibol, pois coaduna com as teorizações da desconstrução e performatividade, possibilitando que se pense a *queerização* dos sentidos atribuídos ao masculino: potencializando o reconhecimento da desconstrução de masculinidades normativas.

## PERFORMATIZAÇÕES *QUEER* EM JOGO

Em set bastante acirrado, que definiria tanto o jogo e as posições das equipes na tabela, Goncharova,<sup>5</sup> líbero do time, defende uma bola, que gera contra-ataque e o ponto para sua equipe, comemorando de frente para o time adversário girando a cabeça e sacudindo sua franja loira. A árbitra adverte-o, afirmando a ele que provocações não são permitidas. Goncharova responde: “Bater cabelo<sup>6</sup> não pode? Que eu saiba sempre pôde!” (Diário de campo em 6 de dezembro de 2015).

A performatização *queer* do jovem atleta promovia deslocamentos de sentidos no que se reconhece como uma masculinidade normativa, entretanto sua performance de gênero já se mostrava naturalizada no contexto do campeonato de voleibol. As equipes que fizeram parte da fase final de disputa eram compostas por vários jovens atletas que se autoidentificavam como *gays* e bissexuais, fato que não causava estranhamento entre técnicos, arbitragem e espectadores do campeonato, os quais, em sua maioria, eram amigos e familiares dos jogadores.

---

<sup>5</sup> Os jovens atletas serão apresentados por nomes fictícios, e, a pedido dos mesmos, por nomes de atletas profissionais. *Goncharova*, jogadora da seleção da Rússia, foi um dos nomes escolhidos, assim como *Natália*, *Amanda*, *Sheilla* e *Michael*, entre os nomes que apresento neste texto.

<sup>6</sup> Bater cabelo, uma expressão que, neste contexto do campeonato de voleibol masculino, pode ser considerada *queer*, foi esclarecida pelo jovem atleta: “É *provocar o adversário jogando o cabelo pra frente e rodando a cabeça. As travas fazem muito isso e a gente que é mais solta e menos incubada imita*” (*Goncharova*).

Apresento algumas falas a seguir que explicitam tal afirmação:

Eu acompanho meu irmão que joga vôlei e essa questão dos gays sempre teve, se você ver os jogos das categorias sub-13 e sub-15 é a mesma coisa, tem vários meninos que são também... a gente se acostuma, faz parte, não vejo nada demais nisso (Espectador).

Então, a gente que é técnico sempre recebe meninos que são gays, isso pra mim sempre foi normal. Dá uma olhada aqui nas equipes, não tem uma equipe que não tenha um menino que é gay... e se não é gay, a chance de ser bi é enorme... e nisso você como professor, técnico, educador... não pode ser homofóbico. Aquela coisa que se vê de técnico xingando jogador de viado num erro no jogo, aqui até deixa de ser xingamento, porque todos quase são... e isso não é nada legal, ofender um menino (Professor-Técnico).

Ah, gays no vôlei? Sempre teve... isso não é de agora e cada vez a gente vai ver mais pelo visto... de um tempo pra cá tem até campeonato específico pra eles, a superliga gay, se não me engano... mas eles nem precisam disso, pois tomam conta dos campeonatos que não são específicos pra esse público... ou seja, não tem nem isso de ser campeonato pra gay ou não, porque eles estão em tudo quanto é time... difícil ter um time hoje que não tenha um gay (Árbitra).

Os discursos apresentados mostram a naturalização da presença de jovens atletas gays e bissexuais nos variados contextos do voleibol, indo, inclusive, além do campeonato propriamente dito em que ocorreram as observações, conforme a fala da árbitra aponta. Tal fato foi levantado em pesquisa realizada por Coelho (2009), que afirma que o voleibol no Brasil se constitui como um espaço de socialização híbrida e homoerótica, pois como o futebol é um esporte que, historicamente, excluiu mulheres e homossexuais de seu universo, o voleibol absorveu tanto as feminilidades como as masculinidades alternativas, entre torcedores/as e entre praticantes.

Segundo a autora:

É nesse cenário que o vôlei acaba se constituindo em um espaço de sociabilidade feminina e homoerótica. Mais do que isso, acaba se tornando um esporte híbrido – uma vez que permite cruzamentos, misturas, bricolagens entre o que consideramos masculino e

feminino. [...]; o voleibol estaria mais aberto à pluralidade, ou seja, daria a estrutura simbólica para que a feminilidade feminina, a feminilidade masculina, a masculinidade masculina, a masculinidade feminina e outras combinações possíveis tivessem seu espaço esportivo (Coelho, 2009, p. 91).

O voleibol, em alguma medida, desconstrói o binarismo masculino/feminino, no contexto de exclusão do feminino no esporte, como também no dualismo masculinidades normativas/masculinidades desviantes. Coelho (2009) também afirma que o vôlei é uma modalidade esportiva cujo acento na feminilidade se faz presente entre praticantes e torcedores/as e tal fato se dá por algumas constatações: número mais elevado de mulheres que praticam a modalidade,<sup>7</sup> maior engajamento das mesmas nas torcidas e também pelo fato de o vôlei ter estreado nos Jogos Olímpicos já com os naipes masculino e feminino, nas Olimpíadas de 1964, em Tóquio. A pesquisadora também ressalta ter encontrado em sua pesquisa de campo, realizada em jogos de voleibol e etnografias virtuais em redes sociais, uma parcela significativa de homens homossexuais como jogadores e torcedores da modalidade. Complemento os dados levantados por Coelho (2009) destacando o crescimento da modalidade vôlei de praia misto nos últimos anos, que permite a participação de homens e mulheres jogando juntos em duplas e quartetos,<sup>8</sup> assim como campeonatos voltados para o público gay, como a Liga Gay de Vôlei Amazonense, com sua 25ª edição do ano de 2016.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Em pesquisa recente do Ministério dos Esportes (2015) – Diagnóstico do Esporte no Brasil – constatou-se que o voleibol é o esporte mais praticado pelas mulheres, com um percentual de 20,5%, enquanto os homens praticantes de vôlei chegam apenas a 5,1%, sendo o futebol o principal esporte mais praticado pelos mesmos, com 66,2%. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/7.php>>. Acesso em: 18 maio 2016.

<sup>8</sup> Inscrições abertas para o vôlei em duplas masculino/feminino e misto. Disponível em: <<http://guaramirim.sc.gov.br/inscricoes-abertas-para-o-volei-em-duplas-masculinofeminino-e-misto/>>. Acesso em: 18 maio 2016.

<sup>9</sup> Página da Liga Gay de Vôlei Amazonense no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ligagaydevoleyamazonense/?fref=ts>>. Acesso em: 19 maio 2016.

Voltando ao campeonato de voleibol, *Goncharova*, nas conversas informais durante a pesquisa, colocava-se em determinado momento no masculino e em outros momentos no feminino. Na última etapa jogou com maquiagem, com o cabelo pintado de amarelo-ovo e me contou o porquê da escolha do nome da jogadora russa:

Foi quando, também, eu vi a Goncha jogando pela primeira vez contra o Brasil, e me identifiquei demais, fui acompanhando ela, gostei do modo dela de jogar, que é meio parecido que o meu, ela provoca, grita na cara das adversárias... é meio barraqueira, eu gosto disso, porque também sou barraqueira, você já percebeu (risos). Fora que a Goncha é linda... (Goncharova).

A enunciação *queer* de *Goncharova*, ao transitar nas identificações de gênero, promove deslocamentos nos sentidos mais estáveis do masculino, identificação esta que, aprioristicamente, o jovem assumiria no contexto do voleibol como atleta por atuar em uma equipe de rapazes. O caráter contingente da performatividade, porém, e, em específico da performatividade *queer* assumida por *Goncharova*, de algum modo desestabiliza a fixidez do gênero num campo tão normatizador como o esporte.

Outros jovens atletas, interpelados na pesquisa, escolheram também como nomes fictícios jogadoras de voleibol e o jogador Michael, atleta profissional que é assumido como homossexual no voleibol brasileiro. A escolha esteve direcionada para a admiração por tais atletas, conforme exponho nas falas a seguir:

Eu gosto na Natália que joga no time do Rio de Janeiro... vejo o jogo dela e sempre tento fazer igual, a forma como ela bate na bola e tudo mais (Natália).

Ah, a Amanda que joga em Brasília e jogou aqui no Rio de Janeiro por anos... adorava quando o Bernardinho colocava ela só pra sacar e ela quebrava a recepção da equipe adversária (Amanda).

Sheilla! Sheilla chama o jogo quando é necessário, igual nas olimpíadas naquele jogo contra a Rússia. Sou fã dela e quero ter o nome dela na pesquisa (Sheilla).

Eu gosto do Ricardinho, do Lucão... mas vou escolher o Michael por ser um ícone pros atletas gays... a loka (risos)... eu quero causar nessa sua pesquisa (Michael).

Os deslocamentos promovidos pela escolha dos nomes de jogadoras de voleibol, em especial, desconstroem as performatizações normativas do esporte e independentemente da orientação sexual dos jovens atletas, tal fato no contexto do voleibol masculino mostra-se como uma ressignificação importante neste espaço. A masculinidade normativa, tão cara ao esporte praticado por homens, reconfigura-se a partir de outras possibilidades no contexto contemporâneo do voleibol. Neste sentido recorro a Butler (2015a) pela seguinte afirmação: “A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua multiplicidade, excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas” (p. 250).

Os espaços de prática do voleibol também eram locais de namoro e encontros sexuais entre os jovens atletas. Tal fato era explicitamente visível nas etapas do campeonato, confirmado pelas conversas informais comigo e pelos papos que ocorriam entre os jovens nas arquibancadas entre um jogo e outro, assim como em algumas idas e vindas que realizei aos vestiários, quando pude perceber olhares e códigos entre os jovens que circulavam constantemente por tal espaço. Um destes jovens atletas relata situação de “pegação” que aconteceu em uma das etapas da qual sua equipe participou:

[...]. Foi assim do nada a pegação: “Ah, vamos brincar de um joguinho no banheiro?”. Foi depois do torneio e não era com ninguém do meu time, até porque ninguém do meu time soube e nem nada. Era o que... uns cinco ou seis caras comigo. Aí teve uma tal da brincadeira verdade e consequência, onde aconteceu de um passar a mão no outro, tocar no outro, beijar... e tipo, foi no banheiro e na frente de todo mundo que entrava... foi tudo muito louco! (Natália).

Embora o campeonato de voleibol descrito nesta pesquisa não seja um campeonato especificamente gay, a predominância de jovens atletas que se identificavam como homossexuais e bissexuais contestava

a lógica heteronormativa do esporte em variadas questões, por meio de suas performatizações, que perpassavam, inclusive, as situações de socialização voltadas para o sexo, como o que se denomina de "pegação". Camargo (2014), em artigo que problematizou a erotização dos espaços esportivos de competições LGBT, argumenta que locais como banheiros e vestiários são ressignificados por atletas gays nas competições, mediante a dinâmica mais livre de desejos posta em prática por eles em tais espaços. Outro espaço relatado por um jovem atleta foram os alojamentos esportivos. Apresento a seguir meu diálogo com ele:

Pesquisador: E pegação no banheiro?

Sheilla: Acontece muito e em viagens rola muito, nos banheiros dos alojamentos... e não é só homem com homem, em competição que tem feminino já rolou com garotas.

Pesquisador: E você já fez?

Sheilla: Já, já sim. Normal, porque eu curto meninas também (risos).

Dando continuidade às proposições de Camargo (2014), em interlocução com as minhas análises, reconheço a existência dessa erotização no contexto do voleibol como uma performatização *queer*, que é encenada pelos jovens atletas de voleibol. Mesmo em uma competição não específica para gays, o contexto homossocial que prevalece em tais espaços possibilita que as aproximações, que culminam em encontros sexuais entre os jovens, ressignifiquem as (hetero) normatizações que o contexto do esporte masculino dificilmente permitiria.

## DECIDINDO O SET

Busquei, neste capítulo, discutir desconstruções da masculinidade normativa no contexto do esporte, problematizando atuações e encenações de performatividades *queer* entre jovens atletas que disputavam um campeonato de voleibol. Deslocamentos importantes

fizeram-se presentes nas narrativas etnográficas apresentadas, principalmente quando consideramos o espaço do esporte como um campo regulado e generificado.

As discussões apresentadas permitem apontar variados deslocamentos de sentidos, tais como as performatizações que os jogadores encenavam no contexto do campeonato, “batendo cabelo”, fazendo “pegação” nos vestiários, como também o fato de os jovens atletas escolherem nomes fictícios de jogadoras de voleibol para se nomearem na pesquisa. Masculinidades alternativas aos modos normatizadores de ser homem se fazem presentes na sociedade, e o campo do esporte, embora ainda repleto de resistências diante dessas questões, vem protagonizando a partir do voleibol.

Problematizar a desconstrução de um masculino normativo, como este texto se propôs, é uma aposta política e teórica em potencial, pois coloca em xeque o domínio da heteronormatividade, não só no campo do esporte, assim como a fixidez e regulação de corpos, desejos e escolhas dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BROWNE, Kathe; NASH, Catherine (Org.). *Queer methods and methodologies: intersecting queer theories and a social science research*. Surrey: Ashgate, 2010.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

\_\_\_\_\_. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

CAMARGO, Wagner Xavier. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. *Revista Ártemis*, v. 17, p. 61-75, 2014.

COELHO, Juliana Afonso Gomes. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 75-93.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Poderes de la perversión: ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline*. México. Siglo XXI, 1988.

MINISTÉRIO DOS ESPORTES. Diagnóstico Nacional do Esporte – Caderno I. 2015. Disponível em: <[http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte\\_gráfica.pdf](http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_gráfica.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

RODRIGUES, Carla. *Coreografias do feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

ROOKE, Alison. Queer in the field: On emotions, temporality and performativity in Ethnography. In: BROWNE, Kathe; NASH, Catherine (Org.). *Queer methods and methodologies*. London: Asghate, 2010. p. 25-40.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Queer performativity: Henry James's The art of the novel. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-16, 1993.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Tradução Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.